INCT Brasil Plural

Comunicação Científica

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural

SÉTIMO ENCONTRO, 04 DE SETEMBRO DE 2026

Tema de hoje

- Textos de divulgação científica para jornais e revistas não especializados: temas abrangentes, não necessariamente das pesquisas que podem ser produzidos. A necessidade de a antropologia participar do debate público de temas contemporâneos

Artigos não científicos escritos por cientistas

- Podem ser de vários tipos, mas assinalo dois:

ARTIGOS OPINATIVOS

ARTIGOS INFORMATIVOS

Artigos não científicos escritos por cientistas

ARTIGOS OPINATIVOS: tratam-se de textos que refletem uma interpretação pessoal da/o autora/r, mas baseada em fatos e nos pressupostos científicos que ela/e defende. Geralmente não tem relação direta com o tema que aquela/e cientista estuda, mas faz parte do campo científico do qual faz parte. Ou seja, escreve-se com propriedade, interpretando a situação dentro de um escopo teórico. Muito apropriado para temas emergentes que estão em destaque na imprensa, mas também podem partir de situações banais do cotidiano que ao serem comentadas podem fazer pensar e trazer outras interpretações.

Artigos não científicos escritos por cientistas

ARTIGOS INFORMATIVOS: estes textos já possuem maior relação com as pesquisas que fazemos. Seriam quase que uma versão resumida e em linguagem coloquial (sem jargões e excesso de conceitos) de um artigo publicado em revistas científicas. E também podem ter um certo quê de opinativos, uma vez que podem representar uma interpretação pessoal do pesquisador, num campo de controvérsias, em que outras ciências ou mesmo outros cientistas de uma mesma área podem divergir

Exemplos

ARTIGOS OPINATIVOS

Nos artigos opinativos vou utilizar dois exemplos:

- Os artigos do Michel Alcoforado para *O Globo*. Autor de “Coisa de Rico”, famoso por etnografar gente muito rica, que faz artigos sobre temas que bombam na atualidade
- Os meus próprios escritos na pandemia

O GLOBO

MICHEL ALCOFORADO

Toda semana, o antropólogo autor de "Coisa de rico" e "De tédio, ninguém morre" traz pistas para entender os nossos tempos.

28 de agosto de 2026

A conta da Epidemia de Solidão chegou

Isolamento social aumenta risco de morte precoce e atinge sobretudo mais jovens e mais pobres

Não há criança no Brasil que, diante de uma pequena rejeição social, não tenha escutado dos mais velhos, ainda que a contragosto: “Antes só do que mal acompanhado” ou “Quem anda só, anda quando quer”. Mas, pelo caminhar das transformações do mundo, é melhor nos acostumarmos. Tudo indica que as andorinhas terão de se virar para fazer o verão sozinhas, um dedo catará os piolhos sem ajuda de nenhum semelhante e as mãos já estão em pleno desenvolvimento de um método autolimpante, dado que não haverá outra para ajudá-las na tarefa.

De 2010 para cá, não param de aparecer novos estudos científicos a nos alertar sobre o esfacelamento dos vínculos cotidianos e seus custos físicos, psíquicos e sociais. Especialistas nos alertam sobre uma Epidemia da Solidão. Não é exagero. Segundo um relatório recente da Organização Mundial da Saúde (OMS), quase 16% da população mundial sofre do mal — que aumenta o risco de morte precoce por doenças cardiovasculares, acidentes cerebrais, hipertensão e declínio cognitivo.

O corpo tem pagado aquilo que a cabeça não tem sido capaz de aceitar. Estamos menos pacientes uns com os outros e sem dar a devida importância aos encontros. Um relatório do Social Connection Guidelines, instituto canadense responsável por publicar diretrizes de saúde pública, mostrou que quatro amizades próximas são suficientes para reduzir a solidão e a ansiedade. Se for demais, eles avisam: três já bastam para diminuir drasticamente os sintomas de depressão. No entanto, a prescrição é muito maior do que temos sido capazes de entregar: 28% dos brasileiros têm, no máximo, um amigo próximo, segundo uma pesquisa recente do PoderData. Fiz as contas dos meus enquanto lia, com a seriedade de quem confere extrato bancário. Passei raspando.

- O texto começa com o uso de frases que já teríamos escutado, aproximando o tema das nossa vidas;
- Uso de links para outros estudos;
- Sempre justifica o argumento com dados, informações

Vale desmentir um pressuposto comum: solidão não é um problema de velhice. Os dados globais da OMS mostram exatamente o padrão inverso, com prevalência mais alta entre adolescentes e caindo progressivamente com a idade. No Brasil, o mal atinge desproporcionalmente mais quem vive nas classes de menor renda do que quem está no topo da pirâmide social.

A geografia da solidão segue de perto a distribuição da desigualdade: quanto menos recursos, mobilidade e acesso a espaços de convivência, maior a exposição ao isolamento. A conta toda serve para lembrar que, como tudo no capitalismo, fazer amigos custa dinheiro. As novas tecnologias fazem sua parte. Prometem conexão e entregam isolamento. A socióloga Sherry Turkle, professora do MIT, chegou no livro "Alone together" a uma formulação que resume o problema inteiro: estamos sozinhos juntos. A tecnologia entrega companhia sem nenhuma das exigências que a amizade impõe, oferecendo conexão sem vulnerabilidade, presença sem risco e intimidade sem o incômodo de ter que ouvir o outro até o fim.

Se os ditados populares guardam alguma sabedoria, é urgente atualizá-los. Sim, quem anda só anda quando quer. Mas anda menos e por menos tempo.

- Dicas de leitura ao final

Encruzilhadas
Inspirações para o texto dessa semana

1 - A socióloga que nomeou o problema

"Alone together" (literalmente "sozinhos juntos", ainda sem edição brasilera), de Sherry Turkle, é o livro citado nessa coluna. Com o subtítulo "por que esperamos mais da tecnologia e menos uns dos outros", é baseado em 15 anos de pesquisa e centenas de entrevistas. A professora do MIT mostra como a tecnologia se tornou a arquiteta das nossas intimidades e por que, quanto mais ela avança, mais nossa vida emocional recua.

2 - O clássico sobre laços que não seguram

"Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos, de Zygmunt Bauman", publicado pela Zahar, é leitura obrigatória para entender por que colecionamos contatos e perdemos vínculos. O sociólogo polonês mostra como a prioridade dada a relacionamentos em rede que se tecem e se desmancham com a mesma facilidade nos fez desaprender a manter laços de longo prazo. Escrito em 2003, antes das redes sociais como as conhecemos.

O GLOBO

MICHEL ALCOFORADO

A cada semana, o antropólogo autor de “Coisa de rico” e "De tédio, ninguém morre" traz pistas para entender os nossos tempos.

A mulher invisível

A interação de mão única, atravessada por intimidade à distância, ganhou nome: relação parassocial. E a IA vai intensificar o fenômeno

Não há, em 2026, um único encontro entre três pessoas (ou mais!) que não termine em um grupo de Whatsapp. Tempos terríveis.

Acabo de chegar da Croácia onde fui convidado para dar um curso intensivo para executivos de grandes empresas. Como era de se esperar, antes mesmo de colocar os pés no país europeu, me adicionaram ao convescote digital da turma. Todos ansiosos por desvendar a beleza de Dubrovnik, animados com as trocas com os colegas e interessados em entender como e porque os antropólogos invadiram o mundo dos negócios. As aldeias agora são outras.

- Parte de situações que vivencia após a publicação de suas pesquisas, mas sempre tentando construir um dado etnográfico a partir deles;

Nas conversas animadas do grupo do zap, uma moça, com pouco mais de 40 anos era onipresente. Alta, com cabelos castanhos na altura dos ombros, Janete interagia, aparecia em todas as fotos e não perdia a chance de nos oferecer uma sacada inteligente sobre qualquer assunto.

Ela estava em todas, com exceção do curso. Não foi ao primeiro dia de aula, nem no segundo encontro e muito menos no último. Seu nome não constava da lista de chamada e nem na avaliação. Ela nunca existiu. Foi criada por um aluno com a ajuda da inteligência artificial. Todos sofremos.

A surpresa com a gambiarra me lembrou um filme de Cláudio Torres. Em "A mulher invisível" (2009), Pedro é abandonado pela esposa e entra em colapso. Até que aparece Amanda, a vizinha. Bela, carinhosa, adora futebol, faz faxina de lingerie, cozinha sem reclamar e nunca, em hipótese nenhuma, discorda do homem. O único detalhe é que, assim como Janete, ela não existe. Só Pedro a vê. O resto do mundo enxergava o apartamento vazio.

- Uso de um filme para elaboração de analogias e explicar melhor a situação.

Amar quem nunca se viu

Setenta anos atrás, ainda 1956, Donald Horton e Richard Wohl acompanharam de perto a transformação provocada pela explosão dos novos meios de comunicação nas relações sociais. As ondas do rádio e as telas de TV criavam no espectador um conjunto de afetos e familiaridades com artistas e apresentadores, sem que ambas as partes jamais tivessem se encontrado. A interação de mão única, sem troca direta, atravessada por uma intimidade à distância, ganhou nome. Chama-se relação parassocial. Isto é, um novo tipo de conexão na qual quem é amado é amado por alguém que nunca viu. Afinal, o que impera é uma experiência ilusória de reciprocidade.

As inteligências artificiais vão intensificar o fenômeno estudado pelos pesquisadores, sobretudo, depois da expansão na capacidade de interação dessas traquitanas. Antes, nas relações parassociais tradicionais (com celebridades, apresentadores, influenciadores), a unilateralidade era evidente. Agora, os chatbots e assistentes de IA conversam, perguntam como você está, lembram do seu nome, adaptam o tom ao seu humor, oferecem conforto quando você parece mal. Não à toa, no Brasil, cerca de 12 milhões de

- Usa um estudo específico para a profundar a discussão e o conceito explicado de “relação parassocial”.

FONTE: https://oglobo.globo.com/cultura/michel-alcoforado/coluna/2026/05/a-mulher-invisivel.ghtml

pessoas já recorrem a essas ferramentas para fazer terapia. Um número menor do que nos Estados Unidos, onde os adeptos do novo modelo já chegam perto dos 50 milhões.

O problema não é a tecnologia. É o que ela revela. Relações parassociais sempre existiram uma vez que é mais fácil amar e acreditar ser amado por gente que não dá trabalho, não cobra esforço e corresponde a todas as nossas idealizações. Mas uma pergunta permanece: em um mundo onde a fantasia parece realidade, quem perderá tempo com os humanos?

Janete não foi às aulas.

Encruzilhadas
Inspirações para o texto dessa semana

1 — O artigo que deu nome ao fenômeno

Mass Communication and Para-Social Interaction

Observation on Intimacy at a Distance

Donald Horton* and R. Richard Wohl**

"Mass Communication and Para-Social Interaction" , de Donald Horton e Richard Wohl, artigo publicado em 1956 na revista Psychiatry, é o texto fundador de tudo que discutimos aqui. Em menos de 20 páginas, os dois pesquisadores descrevem com precisão perturbadora como o rádio e a televisão criavam nos espectadores a ilusão de uma relação face a face com apresentadores e artistas. Escrito há quase 70 anos, parece um diagnóstico do presente.

2- Os números da solidão digitalizada

A reportagem "No divã com a IA: os jovens que fazem terapia com bots de inteligência artificial" , publicada pelo G1, reúne depoimentos de brasileiros que trocaram o consultório pelo chatbot. Alguns por não conseguir pagar terapia, outros por preferirem a disponibilidade de madrugada, sem julgamento e sem lista de espera. Os relatos são reveladores não pela tecnologia que descrevem, mas pela solidão que expõem. Vale ler como documento humano, não como pauta de tecnologia.

3- 'A mulher invisível' (2009), de Cláudio Torres

Selton Mello, Luana Piovani e uma das premissas mais honestas do cinema romântico brasileiro recente: e se a mulher perfeita não existisse? O filme antecipou, com humor e melancolia, o debate que a inteligência artificial tornou urgente. O longa e a série que ele inspirou estão disponíveis para streaming e merecem ser revistos agora, com outros olhos. A Vitória continua esperando do outro lado da parede.

O ar que falta ao Pantanal e o que resta da nossa dignidade no mundo

Uma trágica ironia aproxima a pandemia da covid-19 e as queimadas no Pantanal. Nos dois casos, é a falta de ar que asfixia a vida. Vida que depende de nossos pulmões e do meio ambiente vai sendo dilacerada pelo negacionismo do mandatário escolhido para governar o País

Por **Ana Paula Barreto e Marcos Aurélio da Silva** - setembro 29, 2020, 14:20

- União de temas distintos mas que se unem nas mesmas causas;

Desde que nos deparamos com a pandemia da Covid-19, respirar, como dizem por aí, virou em si um claro ato de resistência. Quando para além de resistir a um vírus letal é necessário cuidar do ar que se respira sem o amparo do Estado, fica evidente compreender por qual motivo temos assistido à chamada Sociedade Civil tomar frente nas ações que tentam salvar nossos biomas cobiçados em todo o mundo. Sim, pois é urgente que salvemos ao menos nossas reservas naturais de fauna, flora, águas, minérios, já que "salvar" a imagem ou a dignidade do Brasil enquanto Nação no cenário internacional se tornou uma tarefa, digamos assim, um tanto inglória. Depois do último discurso do presidente Bolsonaro na ONU então, a tarefa se torna quase "missão impossível".

O que se passa hoje no bioma Pantanal, com áreas devastadas por queimadas nunca antes vistas e com tamanha intensidade, sem nenhum controle ou planejamento dos órgãos ambientais para que novos focos de incêndio não se repitam, é não só desolador como a certeza da personificação de uma política de Estado que não se importa com a preservação do meio ambiente como algo "natural" de Nações comprometidas com tratados internacionais. Evidencia-se, assim, um declarado incentivo ao agronegócio nacional a mostrar sua face mais cruel: a exploração do solo sem nenhuma sustentabilidade visando apenas o lucro e a falta de apreço pela vida de espécies animais, além de um evidente desprezo pelos povos originários do Brasil que habitam terras que cruzam latifúndios, muitas vezes, improdutivos.

Não somos nós que estamos a dizer, mas investigações da Polícia Federal comprovam que os incêndios no Pantanal foram provocados pela mão impiedosa do homem. Homem branco, que em séculos passados foi conhecido como senhor feudal e em cenários não tão longínquos, como senhor de escravos. Este, mesmo com o avanço do tempo, continua a tratar a terra, os animais e as pessoas como seus "pertences", tal qual os móveis da Casa Grande.

- Um texto que tem um tom bastante político, mas que não é necessariamente partidário.
- Sempre argumenta e explica.

Os homens brancos fazendeiros sempre estiveram à espreita, tal qual raposa vigiando o galinheiro, mas tinham sua sanha controlada pelos órgãos ambientais estatais, quando estes podiam cumprir adequadamente o papel previsto pela Constituição. Mas em um cenário que, por um lado, se vê instituições de Estado sendo impedidas de atuar – principalmente pelos cortes de verba para combate a incêndios perpetrados pelo Ministério do Meio Ambiente -, e, de outro, um incentivo de forma explícita por governantes ao avanço indiscriminado sobre nossos biomas sob o pretexto de desenvolvimento econômico, os velhos coronéis deste país afora se sentiram à vontade para rasgar leis e a própria Constituição, que há tempos sabemos ser desrespeitada quando se trata de preservação do meio ambiente.

Incêndio florestal na Amazônia – Foto: Daniel Beltrá/Greenpeace

Some-se a este incentivo uma pitada da "paranoia delirante" de Bolsonaro no discurso oferecido à ONU no início da semana passada, onde culpabilizou indígenas, quilombolas e ambientalistas pelas queimadas, ao mesmo tempo em que sua "lábia negacionista" prometeu levar embaixadores para sobrevoar a fumaça que paira sobre o Pantanal e já chega em outras regiões do país. Nem com a fumaça diante dos seus olhos, fazendo com que o avião presidencial arremetesse, o mandatário maior do Brasil deixa de fazer suas piadas de mau gosto e declara com deboche: Nunca se fez tanto, o Brasil está de parabéns por preservar o meio ambiente!

Assim como é generalizado o negacionismo deste governo, já que dia a dia também assistimos o mesmo discurso em relação às ações de combate à Covid-19, vai se repetindo à exaustão ou se negando à exaustão, que tanto opositores quanto defensores desta política com ares claros de barbárie passam a se acostumar com o elevado número de mortes diárias pela doença e também com a fumaça que torna cidades como Cuiabá – calorenta e seca -, praticamente inóspita. Em

- Uso de linguagem popular, com analogias fáceis, quase estereotipadas.
- O tom de acusação ao político é baseado em fatos de conhecimento publicados e documentados.

tempos de pós-verdade, a prática do "negar até a morte" terá de ser estudada a fundo pelos historiadores e cientistas políticos.

Pelo direito de respirar

É interessante pensar que, tanto em relação às queimadas quanto em relação à pandemia, o que está em jogo aqui é o nosso direito de respirar. De um lado, o direito de não respirar fuligem resultantes das queimadas, de outro, o direito a um sistema de saúde que nos resguarde de um vírus ou que, se inevitável for, possamos ter acesso a respiradores, equipamentos que se tornaram símbolos deste ano de 2020. O mesmo 2020 em que um homem negro é morto por policiais em frente às câmeras aos gritos de "não consigo respirar", trazendo à tona mais uma vez um racismo de Estado que nunca deixou de operar nos Estados Unidos e tampouco no Brasil. Aqui, queimadas e Covid-19 também apontam para este racismo histórico e institucionalizado: são os mais pobres e vulnerabilizados que estão sendo mais atingidos nos dois casos.

As queimadas estão colocando em risco grupos indígenas inteiros, como os Guató do Pantanal, que perderam 83% de sua área na Terra Indígena Baía dos Guatós, em Barão de Melgaço, no estado do Mato Grosso, área esta contestada pelos fazendeiros da região. Assim como os quilombolas da Chapada dos Guimarães, outro bioma importante e em disputa pelo agronegócio, que ardeu por semanas entre agosto e setembro. Foi da Chapada que partiu a fumaça que tanto assustou os moradores de Cuiabá nas últimas semanas, sendo que a cidade já estava recebendo a fumaça do Pantanal e da Amazônia, desde maio. Mas também nesse caso, os mais vulneráveis são os pobres da capital do Mato Grosso que, diferente da nossa elite cheia de velhos coronéis, não estão certamente encastelados com seus aparelhos de ar condicionado em casa ou no trabalho. Mas é bom lembrar que não haverá, no entanto, aparelhos capazes de filtrar toda essa fumaça, assim como o coronavírus não tem escolhido classe social para infectar.

- Os fatos que são distintos ganham um momento de explicação do porquê estão juntos.

Nessa política "à moda" Bolsonaro, o direito de respirar vai sendo negado cada vez mais, atingindo a cada dia novos grupos, e parece que, apesar de estarmos sentindo algo como um "joelho de policial" em nossos pescoços e quase a gritar "não consigo respirar", temos uma esperança de que tudo isso não seja real, de que não vamos morrer afinal – uma vez que em relação à Covid-19, as saídas burlando o distanciamento ou o esquecimento do uso da máscara viraram rotina. Estamos perplexos, mas ao mesmo tempo esperançosos de que alguém ou algo vá impedir este Governo de nos tirar totalmente o ar. Lembremos apenas que George Floyd não teve a mesma sorte...

Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro – Foto: Orlando Brito

Marcos Aurélio da Silva é doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Também é pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural, com estudos sobre relações de gênero e sexualidade, cidades, saúde e políticas públicas

Ana Paula Barreto é jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pós-graduada em Comunicação Legislativa pela Universidade do Legislativo Brasileiro (Unilegis). Foi chefe de Comunicação da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República e assessora de imprensa no Senado Federal. Atualmente é responsável pelo comando da comunicação do escritório Cezar Britto & Advogados Associados

ARTIGOS INFORMATIVOS

Nos artigos informativos a principal experiência a ser ressaltada é o Jornal da USP, que conta com grande frequência de artigos de professores da USP, que escrevem a partir de suas pesquisas.

Queremos com o tempo criar um canal semelhante em nosso site com os pesquisadores do IBP.

Governar a inteligência artificial: o que estamos tentando preservar?

Por Maria Imaculada Da Conceição, bibliotecária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Artigos - https://jornal.usp.br/?p=1047875

Publicado: 01/09/2026 às 11:17

Maria Imaculada Da Conceição – Foto: Arquivo pessoal

A inteligência artificial generativa, ou IAGen, já faz parte da vida universitária. Ela ajuda a escrever e revisar textos, traduz, resume documentos, sugere referências, auxilia na programação, organiza informações, responde perguntas e começa a ser incorporada a atividades de ensino, pesquisa, gestão e atendimento. Sua presença deixou de ser uma hipótese sobre o futuro para se tornar uma questão cotidiana.

Diante disso, cresce também a preocupação com sua governança. Fala-se em transparência, privacidade, supervisão humana, responsabilidade, segurança,

FONTE: https://jornal.usp.br/artigos/governar-a-inteligencia-artificial-o-que-estamos-tentando-preservar/

explicabilidade e rastreabilidade. São princípios necessários. Mas talvez estejamos avançando para a lista de soluções sem formular uma pergunta anterior: quando falamos em governança da inteligência artificial, o que exatamente estamos tentando preservar?

A pergunta importa porque governar não é apenas controlar uma tecnologia. Tampouco significa criar regras para impedir erros ou assegurar que uma instituição esteja formalmente em conformidade com determinada norma. Antes de decidir quais controles são necessários, precisamos saber o que não estamos dispostos a perder.

No caso da universidade, uma primeira resposta parece evidente: precisamos preservar as condições que nos permitem responder pelo conhecimento que produzimos, ensinamos, organizamos e fazemos circular.

Isso muda consideravelmente a discussão.

Uma resposta produzida por inteligência artificial pode ser clara, convincente e perfeitamente escrita. Pode também estar correta. Mas essas características não são suficientes para que ela adquira o mesmo estatuto de uma informação que pode ser relacionada a uma fonte, examinada, confrontada com outras evidências e atribuída a alguém que responde pelo que afirma.

- O conceito de governança explicado de forma simples.

- A tese é apresentada aqui no 4º parágrafo. Como os parágrafos anteriores não são muito grandes, ainda é no início.

Essa diferença às vezes se torna pouco visível porque a IA generativa é extraordinariamente competente em produzir aquilo que poderíamos chamar de aparência de conhecimento. Ela responde com segurança, organiza argumentos, estabelece relações e raramente demonstra a hesitação que associamos à dúvida. E há outro elemento importante: tendemos a usar a facilidade com que processamos uma informação como uma das pistas para julgá-la. Uma resposta clara, familiar e bem formulada pode, por isso, parecer mais confiável.

Um **estudo com estudantes universitários** comparou respostas elaboradas por profissionais de bibliotecas e por inteligência artificial sem revelar aos participantes quem as havia produzido. Não houve diferença significativa na confiança atribuída aos dois grupos de respostas. Entre os fatores que mais influenciaram a confiança na IA estava justamente o conhecimento que os participantes percebiam no sistema.

O resultado não significa que máquinas e profissionais tenham se tornado equivalentes. Mas suscita uma questão mais inquietante: podemos confiar antes mesmo de verificar se temos razões para confiar?

Para uma universidade, portanto, não se trata de produzir confiança na inteligência artificial, mas de assegurar as condições para uma confiança justificada: saber de onde vem uma informação, reconhecer seus limites, confrontá-la com as fontes que a sustentam, identificar erros e corrigi-los. E, quando houver uma decisão institucional envolvida, saber também quem responde por ela.

- Uso de links para outros estudos ou páginas que se julgar relevante para o tema.

- Vai apresentando informações e para para realização de uma pergunta.

Essa questão se torna mais complexa porque tendemos a falar em “uso da IA” como se estivéssemos diante de uma única atividade. Não estamos.

Há uma diferença considerável entre pedir a uma ferramenta que melhore a redação de uma mensagem administrativa e permitir que ela sintetize a literatura científica que sustentará uma pesquisa. Há diferença entre traduzir um texto e interpretar uma fonte histórica. Entre organizar uma lista de assuntos e decidir quais conceitos representam adequadamente um documento. Entre responder qual é o horário de funcionamento de uma biblioteca e orientar uma pessoa sobre quais evidências científicas sustentam determinada afirmação.

Em todos esses casos podemos dizer que “usamos IA”. Mas não estamos delegando a mesma coisa.

E talvez seja exatamente a natureza daquilo que delegamos que deva determinar o grau de governança necessário.

Quanto maior a participação da IA na interpretação, na seleção, na recomendação ou em uma decisão que produza consequências para outras pessoas, menos razoável parece tratá-la como simples instrumento de produtividade. A pergunta deixa de ser apenas “a ferramenta consegue fazer isso?” e passa a ser “o que acontece quando permitimos que ela faça isso em nosso nome?”.

FONTE: https://jornal.usp.br/artigos/governar-a-inteligencia-artificial-o-que-estamos-tentando-preservar/

Alguns caminhos a serem seguidos

Parâmetros e normas estilísticas

- Quais os parâmetros para a publicação de artigos autorais? Existiriam normas estilísticas mínimas, que pudessem servir de guias para quem escreve? Que vícios devem ser evitados? Que função informativa e formativa se espera de cada novo texto?

Parâmetros

- Cumprem um papel **educativo, informativo, formativo** e guardam compromisso com os pressupostos da convivência democrática.
- Têm a finalidade estrita de contribuir para a **compreensão expandida dos temas que seus autores estudam**, indo além do senso comum e das platitudes.
- Devem trazer informações que acrescentem saber ao repertório médio do público, assim como devem **propor novos prismas interpretativos**, com didatismo e fundamentação.

Parâmetros

- Convida o leitor a **interpretar acontecimentos**, analisar diferentes perspectivas e convencer o leitor de que sua visão é consistente sobre determinado tema de interesse público;
- As pessoas que assinam um artigo opinativo ou informativo devem trazer, por sua **vivência e por sua experiência intelectual**, uma bagagem reconhecida sobre o tema de que tratam;
- Esse tipo de texto é **sempre político, mas nunca partidário**!

Normas estilísticas

- O gênero textual é o **argumentativo/dissertativo,** cujo objetivo principal é defender um posicionamento, ou seja, **defender uma tese;**
- O que difere um artigo de opinião de uma opinião pessoal que pode ser postada numa rede social particular é justamente a apresentação de informações, dados científicos, evidências que nós encontramos em nossas etnografias;

Normas estilísticas

- Apesar da linguagem formal, ela **não precisa de rebuscamento**, nem estar construída hermeticamente a partir do vocabulário científicos, com seus jargões e conceitos;
- Prefira sempre a **simplicidade**, a explicação pensada para um público médio, nem leigo demais, nem leigo de menos;
- A velha regra da **organização por parágrafos**, cada um ou dois defendendo um ponto específico do argumento central, facilita a compreensão. Use **tópicos frasais**, no início de cada um.

Atividade

Escrever um artigo “não científico”, opinativo ou informativo, com base em fatos e interpretações científicas, que possam ser publicados em jornais da grande imprensa, mas que também possam ser publicados em nosso site e no boletim que vamos criar para o IBP.
Tamanho: de 2 a 4 páginas do word, fonte 12 e espaçamento 1,5.